

HELIOGÁBALO VESTIDO  
DIVINAMENTE: A INDUMENTÁRIA  
RELIGIOSA DO IMPERADOR  
SACERDOTE DE ELAGABAL\*  
HELIOGABALUS DIVINELY DRESSED: THE  
RELIGIOUS CLOTHES OF ELAGABALUS'  
PRIEST EMPEROR

SEMÍRAMIS CORSI SILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
SEMIRAMISCORSI@YAHOO.COM.BR

---

RESUMO

Heliogábalo foi um jovem imperador romano de origem siríaca e membro da dinastia dos Severos (193-235). Seguindo uma tradição familiar, Heliogábalo foi sacerdote do deus solar Elagabal, da cidade de Emesa, na Síria. Diante de uma análise da documentação textual contemporânea de Heliogábalo, cruzada com análises das moedas emitidas no governo do imperador, apresentarei elementos sobre suas vestimentas sacerdotais de culto a Elagabal, consideradas na documentação textual antiga transitando entre as fronteiras norma-

RESUMEN

Heliogabalus was a young Roman emperor from a Syriac origin and member of the Severan dynasty (193-235). Following a family tradition, Heliogabalus was the priest of the solar god Elagabal, from the city of Emesa, in Syria. Developing an analysis of the contemporary textual documentation of Heliogabalus, crossed with analyzes of the coins issued in the emperor's government, I will present elements about his priestly clothes of worship to Elagabalus, which were considered in the ancient textual documentation transitioning the

---

\* Este artigo faz parte do projeto *Barbaridade: identidades e alteridades em representações do outro por escritores romanos*, desenvolvido com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), através do Edital 01/2017 - Auxílio Recém-doutor/ARD. Processo: 17/2551-0000798-0.

tivas de gênero da época. Analisarei a representação de sua indumentária religiosa e também relacionarei a essa representação a ideia trazida por Dião Cássio sobre a tentativa de Heliogábalo em fazer uma intervenção cirúrgica em seu corpo, buscando construir uma vagina nele. Também relacionado à sua indumentária religiosa, apresentarei a análise sobre a possibilidade do que seria um símbolo sacerdotal encontrado na imagem da cabeça do imperador em algumas de suas moedas.

normative gender boundaries of that time. I will analyze the representation of his religious dress and relate to this representation the idea brought by Cassius Dio about the attempt of Heliogabalus to make a surgery intervention in his body, seeking to build a vagina. Also related to his religious clothes, I will present the analysis on the possibility of what would be a priestly symbol found in the image of the emperor's head on some of his coins.

---

**PALAVRAS-CHAVE**

Império Romano, dinastia dos Severos, Heliogábalo, Elagabal, Performances cross-dressing

**KEYWORDS**

Roman Empire, Severan dynasty, Heliogabalus, Elagabalus, Cross-dressing performance

---

Fecha de recepción: 29/01/2019

Fecha de aceptación: 29/06/2019

---

HELIOGÁBALO FOI UM JOVEM IMPERADOR ROMANO de origens siríacas, filho de pai e mãe sírios, nascido e criado na Síria até se tornar imperador romano.<sup>1</sup> Era membro da dinastia dos Severos, que governou o Império Romano entre 193 e 235 da era comum. Embora conhecido como Heliogábalo pela tradição, seu nome de nascimento era Vário Avito Basiano, mas ele passou a chamar-se Marco Aurélio Antonino após ser aclamado imperador romano. O nome latinizado *Heliogabalus*, na tradução Heliogábalo, vem de uma tradição tardia, como vemos na *Vida de Heliogábalo* (*Vita Heliogabali*), da *História Augusta*, e faz referência a Elagabal, deus solar de sua cidade natal, Emesa na Síria. Há no nome Heliogábalo também uma reinterpretação de Elagabal com Hélio, divindade solar de origem grega.

Heliogábalo chegou ao poder em 218 após um possível complô conhecido pelas fontes como tendo sido organizado por sua avó, Júlia Mesa, com a ajuda da *Legio III Gallica*, estacionada na Síria e sob o comando de Públio Cornélio Comazão, que se tornou prefeito da Guarda Pretoriana e depois cônsul sob o governo de Heliogábalo. Este complô envolveu o assassinato do usurpador do poder da dinastia dos Severos, o então imperador Macrino (217-218), e a retomada do poder da dinastia severiana. Diante disso, Heliogábalo se tornou o quarto imperador da dinastia dos Severos, após Septímio Severo (193-211), Caracala (211-217) e Geta (211-212), sendo depois seguido pelo último imperador da família, Severo Alexandre (222-235). No entanto, foi aquele que frisou com ênfase as características da cultura siríaca de onde vinha a família severiana por tradição matrilinear, em especial as características relacionadas ao culto a Elagabal, divindade da qual ele era sacerdote seguindo uma tradição familiar.<sup>2</sup>

Diferentemente de outros imperadores romanos com imagens negativas, como Calígula, Nero e Domiciano, Heliogábalo não tem recebido tanta atenção

---

1. Dião Cássio, *História Romana* LXXIX 30, 2.

2. Sobre a cultura siríaca da dinastia severiana por tradição matrilinear, *vid.* Silva, 2018a.

por parte da historiografia contemporânea.<sup>3</sup> No Brasil, por exemplo, meu estudo sobre Heliogábalo se caracteriza como o primeiro de uma historiografia que tem se interessado cada vez mais sobre os romanos. Em tempos de intolerâncias tão cruéis como as que vivenciamos cotidianamente, estudar personagens abjetas, para citar um termo caro aos estudos *queer*, mesmo que tais personagens sejam de contextos tão diferentes, para mim é um exercício político, desafiador e instigante para pensarmos nossa própria atualidade, sempre, certamente, como um *inventário das diferenças*, como nos ensinou Paul Veyne.<sup>4</sup>

Sobre o potencial político de um olhar *queer* para os objetos de estudos, bem como sobre o conceito de *abjeto* dentro dessa vertente teórica, sigo o que aponta Richard Miskolci, que apresenta *abjeto* como pessoas e grupos que as sociedades consideram ameaçadores de sua visão idealizada sobre si própria. Assim, os estudos *queer* têm se caracterizado como criando conhecimento por meio do abjeto.<sup>5</sup>

Mas o que Heliogábalo teria feito de ameaçador? Ou melhor, o que o tornou essa personagem tão abjeta na literatura do Principado Romano que chegou até nós?

Para responder estas questões esse texto propõe analisar a imagem de Heliogábalo ligada à questões de gênero e identidade cultural nos textos de seus contemporâneos, a saber: textos dos historiadores Dião Cássio, Herodiano e do sofista Filóstrato, todos eles escritores de viés aristocrático, do século III da era comum, contemporâneos do governo de Heliogábalo e próximos das altas esferas do poder romano, inclusive da corte severiana. Faremos ainda algumas menções à *Vida de Heliogábalo*, da *História Augusta*. A *HA* trata-se de uma conhecida série de histórias de imperadores romanos escritas ao longo do século IV. Sua autoria é atribuída a autores variados cujos nomes são ainda estudados, não havendo um consenso de fato se foram vários autores (seis no total) que escreveram os textos ou apenas um que utilizou pseudô-

---

3. Uma pesquisa rápida por nomes de imperadores com tradições textuais negativas pelo Classics and Ancient History Databases da Universidade de Manchester mostra o seguinte resultado: Pesquisa pelos termos: Emperor Nero = 9.054 resultados, Emperor Caligula = 3.169 resultados, Emperor Domitian = 2.836 resultados, Emperor Heliogabalus = 298 resultados. A mesma pesquisa no JSTOR mostra os seguintes resultados: Emperor Nero = 12.690 resultados, Emperor Domitian = 6.225 resultados, Emperor Caligula = 4.527 resultados, Emperor Heliogabalus = 437 resultados. Pelo site do Dialnet, a pesquisa tem como resultado: Nerón = 272 documentos, Domiciano = 97 documentos, Calígula = 95 documentos e Heliogábalo = 18 documentos.

4. Veyne, 1983.

5. Miskolci, 2014, p. 17.

nimos diferentes. Diante disso, a autoria costuma ser identificada como *Scriptores Historiae Augustae*.<sup>6</sup>

Neste texto me centrarei em analisar elementos sobre as vestimentas sacerdotais de Heliogábalos consideradas nos textos como cross-dressing, ou seja, transitando entre as fronteiras normativas de gênero da época. Analisarei a representação de sua indumentária religiosa e também relacionarei a essa representação a ideia trazida por Dião Cássio sobre a tentativa de Heliogábalos em fazer uma intervenção cirúrgica em seu corpo, buscando construir uma vagina nele. Também ligado à indumentária religiosa de Heliogábalos, apresentarei a análise sobre a possibilidade do que seria um símbolo sacerdotal encontrado na imagem da cabeça do imperador em algumas de suas moedas. Proponho-me aqui a pensar nas representações do imperador, mas, da mesma forma, nas possibilidades de práticas, ligando estas práticas à leitura, em nível de representações, realizada pelos aristocratas greco-romanos que escreveram os textos sobre Heliogábalos.

## 1. HELIOGÁBALO VESTIDO DIVINAMENTE

Embora em um curto período de governo (de 218 a 222), governando o Império Romano dos catorze aos dezoito anos, a imagem de Heliogábalos foi retratada nos documentos textuais de forma extremamente negativa, considerando-o com exageradas extravagâncias bárbaras, bem como apresentando desvios de padrões de gênero e excesso de práticas sexuais.

Sobre suas vestimentas, um primeiro autor a apresentar sua visão sobre as vestimentas de Heliogábalos foi Dião Cássio, segundo esse historiador e senador romano:

[...] ele era frequentemente visto, até mesmo em público, usando vestimentas bárbaras [τὴν ἐσθήτα τὴν βαρβαρικὴν] que os sacerdotes sírios usavam, e isso foi a razão de receber o apelido de “O assírio”.<sup>7</sup>

---

6. Por tais razões a *História Augusta* torna-se uma obra complexa e problemática. No entanto, mesmo não sabendo ao certo a identidade do/s autor/s da *HA*, cumpre ressaltar que percebo na obra a mesma ótica aristocrática senatorial que permeia os olhares dos autores contemporâneos de Heliogábalos, seguindo uma leitura de Machado, 1998 e Rodríguez Gervás, 1994. Ademais, a *HA* tem um tom extremamente jacoso e bastante sensacionalista, como observou Rafael Urías Martínez (1994, p. 206). Também destaco que o autor da *Vida de Heliogábalos*, especificamente, é nomeado como Élio Lamprídio.

7. Dião Cássio, *História Romana* LXXX 11, 2.

Como vemos, as vestimentas sacerdotais de Heliogábalo causavam espanto a homens das elites como Dião Cássio, que as consideravam barbarizadas.

Costumava sair em público vestido de maneira bárbara com túnicas de manga larga, costuradas e talhadas de ouro e púrpura. Suas pernas também estavam cobertas, desde as pontas dos pés até a cintura, com roupas igualmente bordadas de ouro e púrpura. O colorido de uma coroa de pedras preciosas iluminava em sua cabeça [...].<sup>8</sup>

O também historiador Herodiano irá descrever com mais detalhes as roupas sacerdotais do imperador, concordando com Dião sobre a barbaridade das mesmas.

Sua roupa estava entre as vestimentas dos sacerdotes fenícios e a luxuosa indumentária dos medos. Detestava os vestidos romanos e gregos porque, dizia, estavam feitos de lã, uma matéria prima pobre. Apenas gostava dos tecidos de seda. Aparecia em público ao som de flautas e tambores, sem dúvida em honra ao seu deus.

Ao vê-lo desta maneira, Mesa, se enfadava muito e, suplicante, tentava convencê-lo de que, ao se aproximar de Roma, com sua entrada no Senado, trocasse aquelas roupas por uma vestimenta romana. Temia que aquela roupa estranha e bárbara em todos os detalhes causasse desgosto nos que o vissem por não estarem acostumados. Temia que pensassem que aquilo não se tratava de coisas de homem, mas de mulheres. Mas Antoino menosprezou o conselho da anciã e ninguém o convenceu.<sup>9</sup>

Sentiam aversão em vê-lo com o rosto maquiado com mais exagero do que era permitido a mulher decente e vestido como uma mulher, com colares de ouro e vestidos curtos, dançando de tal forma que todos prestavam atenção nele.<sup>10</sup>

Na *Vida de Heliogábalo* não há uma descrição das vestimentas sacerdotais de Heliogábalo propriamente, mas temos algumas sugestões sobre suas roupas, concordando com a questão da vestimenta vista com elementos estrangeiros e altamente luxuosos, além da associação com o feminino, já trazida nos autores acima.

---

8. Herodiano, *História do Império Romano* V 3, 6-8.

9. Herodiano, *História do Império Romano* V 5, 4-6.

10. Herodiano, *História do Império Romano* V 8, 1.

Ele usava uma túnica feita de tecido de ouro e usava púrpura, também usava jóias persas, e, em tais ocasiões, ele dizia que se sentia pesado pelo que carregava. Ele ainda usava jóias gravadas em seus sapatos, uma prática que despertou a zombaria de todos, como se a gravação de artistas famosos pudesse ser vista em jóias presas a seus pés.<sup>11</sup> Ele também queria usar um diadema de joias para que sua beleza fosse aumentada e seu rosto mais parecido com o de uma mulher.<sup>12</sup>

O escritor da *HA* também mostra concordar com a informação de Herodiano sobre as vestimentas de seda serem do gosto de Heliogábalos,<sup>13</sup> carregando novamente e retoricamente na questão do luxo esnobado pelo imperador e em seu exotismo em aparecer com uma túnica estrangeira, no caso da Dalmácia:

Ele foi o primeiro dos romanos que usava roupas inteiramente de seda, embora roupas com partes de seda já tivessem sido usadas antes de seu tempo. Ele nunca tocava um linho que já tivesse sido lavado, dizendo que o linho lavado era usado apenas por mendigos. Ele costumava aparecer em público, depois do jantar, vestido com uma túnica dálmata e depois se chamava Fábio Gurges ou Cipião, porque usava o mesmo tipo de roupa que Fábio e Cornélio usavam quando eram jovens e foram trazidos em público por seus pais a fim de melhorar suas maneiras.<sup>14</sup>

Ao comparar Heliogábalos com os personagens de Fábio e Cornélio, o escritor acentua a crítica ao imperador, mostrando que ambos personagens foram apresentados em público pelos pais para serem ridicularizados e melhorados.<sup>15</sup> E na continuação da mesma passagem, o escritor da *Vida de Heliogábalos* também cita que ele aparecia em público com roupas femininas.

E temos ainda a interessante menção sobre sua “nudez divina”:

---

11. Em outra passagem da *Vida de Heliogábalos* (4, 4), o escritor da *HA* menciona o uso de sapatos adornados com ouro e pedra como coisa de mulheres.

12. *História Augusta*, *Vida de Heliogábalos* 23, 3-6.

13. Sobre a seda ser considerada um tecido do gosto de Heliogábalos, o escritor da *HA* cita novamente o tecido em 29, 6.

14. *História Augusta*, *Vida de Heliogábalos* 26, 1-3.

15. Sobre os personagens citados, na tradução para o inglês da *HA* de David Magie, o tradutor informa que Q. Fabius Maximus Gurges foi cônsul romano nos anos de 292, 276 e 265 AEC. Já Cipião, o tradutor diz que ninguém o identificou. É possível que esse Cipião, assim como a referência a Cornélio na passagem, diga respeito a Públio Cornélio Cipião Africano Maior, cônsul em 205 e 194 AEC, pois Cipião parece ter tido um jeito pouco convencional de usar a toga, o que causou críticas em sua época.

Além disso, ele costumava encenar a história de Paris em sua casa, e nela ele mesmo tomava o papel de Vênus, e, de repente, deixava cair a roupa no chão e caía de joelhos com uma mão no peito e a outra na frente, nas partes íntimas, com suas nádegas viradas para seu parceiro em depravação. Ele moldava igualmente a expressão de seu rosto como Vênus costuma ser pintada, e ele tinha todo o seu corpo depilado, considerando que o principal prazer de sua vida era despertar desejos no maior número de pessoas.<sup>16</sup>

Seguindo a tradição de colocar Heliogábalo como dramático, teatral e feminino é possível perceber sua associação à Vênus, deidade ligada aos prazeres, que ele é citado encenando, além do comentário sobre sua preocupação com a depilação, que certamente tem tons críticos, uma vez que a depilação em partes íntimas e nas pernas era considerada algo depreciativo dos códigos de virilidade dos aristocratas romanos.<sup>17</sup>

Além disso, vestir-se como mulher, conforme as representações textuais apresentam, era algo que aproximava Heliogábalo dos jovens que se prostituíam, situação totalmente indigna de um cidadão romano e, mais ainda, do imperador, que estava exercendo, assim, o cargo de maneira indigna. Tal característica revelava *impudictia*, conforme a observação realizada nas *Instituições Oratórias* por Quintiliano.<sup>18</sup>

Voltando aos documentos contemporâneos de Heliogábalo, outro escritor que pode fornecer representações das roupas do imperador é o sofista Flávio Filóstrato. Na obra biográfica *Vida de Apolônio de Tiana*, em uma passagem interpretada por mim como metafórica, durante a narração sobre a estadia de Apolônio na Índia, Filóstrato apresenta a chegada na terra dos sábios brâmanes de um rei indiano de nome não mencionado. O rei chega junto com um alvoroço de pessoas, vestido cheio de pedras e fausto, como os persas segundo o texto: “Entretidos nesta conversa chegou um alvoroço da aldeia. Ao que parece chegava o rei, cheio de pedras como os persas e cheio de fausto”.<sup>19</sup>

Esse rei não nomeado é ainda considerado desprovido de inteligência, falando coisas sem sentido, detestando os gregos e não falando a língua grega a ponto de precisar se comunicar com Apolônio usando um intérprete.<sup>20</sup> Da mesma forma, esse rei não conhece filosofia.<sup>21</sup>

---

16. *História Augusta*, Vida de Heliogábalo, 5, 4-5.

17. Sobre a pilosidade ligada à moralidade dos aristocratas romanos, *vid.* Thuillier, 2013.

18. Rodríguez Gervás, 1994, p. 200.

19. Filóstrato, VA III 26. Notar que a mesma ideia do uso de joias persas é trazida mais tarde na Vida de Heliogábalo da HA, passagem citada acima.

20. Filóstrato, VA III 31.

21. Filóstrato, VA III 28.



A apresentação do rei de nome não mencionado, para mim, é uma metáfora de Heliogábalo feita por Filóstrato, com suas roupas estranhas aos olhos dos aristocratas mais próximos dos costumes greco-romanos de elite, sempre acompanhado de muitos rumores sobre sua vida.

Possivelmente, quando Filóstrato escrevia e publicava a *Vida de Apolônio de Tiana*, Heliogábalo ainda estava vivo e governando, o que levou Filóstrato a desenvolver sua crítica em linguagem metafórica.<sup>22</sup> No entanto, em outra obra de sua autoria, *Vidas dos Sofistas*, escrita posteriormente à *Vida de Apolônio de Tiana*, Filóstrato trata Heliogábalo como o tirano que acabava de ser justificado, ou seja, de ser assassinado na visão do autor de forma justa, chamando-o nessa obra de Γύννιδος, em uma alusão a sua semelhança com uma mulher (γυνή),<sup>23</sup> mostrando-nos que corroborava a visão negativa sobre Heliogábalo de homens como Dião Cássio e Herodiano e misturando questões de governo (tirania) com gênero.

Filóstrato ainda apresenta na *Vida de Apolônio de Tiana* um rei indiano tido como ideal, Fraotes, conhecedor da língua grega e tendo ao seu lado os sábios indianos como professores e conselheiros.<sup>24</sup> Já o rei indiano criticado, desprezava os sábios brâmanes conhecedores da cultura grega. Mais uma metáfora é feita por Filóstrato em minha leitura, agora estabelecendo uma comparação entre Heliogábalo e seu primo e futuro sucessor no posto imperial, Severo Alexandre (218-235). Em oposição a Heliogábalo, Severo Alexandre, que antes de se tornar imperador foi adotado como filho pelo primo e se tornou seu corregente (221-222), teve sua imagem apresentada de forma positiva nos textos de Dião Cássio e Herodiano, dentro do topos literário senatorial de *optimus princeps versus pessimus princeps*. Mesmo Severo Alexandre tendo vindo também da Síria e sendo um imperador menino (*puer*), como o primo, a imagem deste *princeps* é de um governante que soube afastar as influências negativas dos maus conselheiros e se adentrar nos modelos culturais greco-romanos de ordem imperial.

Neste sentido, cabe ressaltar que estamos trabalhando ordem imperial como a existência, o reconhecimento e a aceitação de “significados compartilhados” no âmbito das relações político-culturais em meio à diversidade cultural que foi o Império Romano.<sup>25</sup>

A necessidade de manutenção da ordem por meio de um imperador habituado aos costumes greco-romanos, ou seja, a necessidade de manutenção de um espaço discursivo da cultura greco-romana que deveria ser respeitado pelos imperadores,

---

22. Sobre o debate em torno da data de escrita e publicidade da obra *Vida de Apolônio de Tiana*, vid. Silva, 2014, pp. 83-145.

23. Filóstrato, VS II 624.

24. Filóstrato, VA II 27-32.

25. Huskinson, 2000a, p. 7.

está claro na passagem abaixo, de Herodiano. No trecho temos Júlia Mamea, mãe de Severo Alexandre, tentando mudar os planos educacionais para o sucessor de Heliogábalo, o diferenciando do primo:

Mas Mamea, lhe retirou daquelas atividades vergonhosas e impróprias de um imperador; buscou em segredo mestres de todas as disciplinas e o exercício de práticas de moderação ao mesmo tempo em que o habituava nas palestras e nos exercícios viris, lhe dando uma educação grega e romana.<sup>26</sup>

Como vemos, Heliogábalo é considerado um bárbaro e é muito diferente da imagem que será trazida em Dião Cássio e Herodiano sobre seu primo Alexandre, que pode ter recebido em Roma uma educação greco-romana mais tradicional e se adequado aos modelos esperados para um bom governante neste sentido.<sup>27</sup> Alexandre tem ao seu redor sábios como professores e conselheiros entre os melhores senadores, na visão do senador Dião, e não sírios tidos como desconhecedores dos costumes greco-romanos como teve Heliogábalo:

Quando o Falso Antonino [referindo-se a Heliogábalo] foi posto para fora do caminho, Alexandre, filho de Mamea, e seu primo, herdou o poder supremo. Ele imediatamente proclamou sua mãe Augusta, e ela assumiu a direção dos negócios e reuniu os sábios ao redor de seu filho, a fim de que seus hábitos pudessem ser corretamente formados por eles, ela também escolheu os melhores homens do senado como conselheiros, informando-os sobre tudo o que tinha que ser feito.<sup>28</sup>

---

26. Herodiano, *História do Império Romano* V 7, 5.

27. É preciso considerar que no século III, a paideia greco-romana era flexível e plural, sendo possivelmente capaz de abarcar influências variadas das diferentes regiões do Império Romano onde cada jovem aristocrata fazia sua formação, o que é possível ver pelas diferentes regiões de onde vinham os sofistas apresentados por Filóstrato na obra *Vidas dos sofistas*: Atenas, Náucratis, Esmirna, Éfeso, Bizâncio, Prusa, Mileto, Síria, Tarso, Cilícia, Pérgamo, Tessália, Lícia, Nicomédia, Arábia, Ravena, Roma, Gália, Síria, entre outras cidades e regiões do Império. No entanto, considero que, mesmo havendo tal flexibilidade, que muito provavelmente fez parte da formação de Heliogábalo em seus anos na Síria antes de tornar-se imperador romano, havia, pelo menos em tese, uma valorização da paideia clássica e dos modelos de educação sofisticados das elites tradicionais. Esta valorização pode ser vista também na *VS* de Filóstrato, pois o autor defende o tempo todo a educação ática do período das póleis gregas. Em um interessante artigo sobre Mesomedes, poeta cretense e liberto do imperador Adriano, Tim Whitmarsh (2004) indica como mesmo um ex-escravo adotava formas de escrita encontradas entre os escritores das altas camadas sociais da Segunda Sofística. No entanto, é preciso considerar que a própria paideia grega havia sido totalmente reformulada pelo pensamento romano sob o Principado, incorporando marcas de conduta vistas pela aristocracia como traços de sua distinção, *vid* Woolf, 1998, p. 55.

28. Dião Cássio, *História Romana* LXXX Fragmento.

E Alexandre também tem consigo os valores da *humanitas*, o estado de humanidade: “Alexandre era essencialmente afável e pacífico, inclinado sempre à humanidade, como demonstrou no decorrer dos anos”.<sup>29</sup> Já o bárbaro Heliogábalos não segue, conforme seus detratores, os valores da *humanitas*, componente central que a aristocracia da época republicana romana utilizava para se mostrar merecedora do Império, espécie de mito inventado pelos gregos e difundido no pensamento romano,<sup>30</sup> configurado como uma reescrita dos códigos dos costumes tradicionais (*mos maiorum*) e elemento essencial da ordem imperial romana.

As vestimentas estavam, da mesma maneira, inseridas neste modelo de ordem e bom governo, eram um código de reconhecimento e faziam parte importante e essencial da manutenção dos valores. É nesse sentido que temos Herodiano mencionando que logo que Alexandre Severo passou a compartilhar o poder consular com Heliogábalos, o primo imperador tentou habituá-lo em seus costumes sacerdotais, em suas danças e em suas vestimentas, o que também foi repreendido por Júlia Mamaea.<sup>31</sup>

Apesar das representações das roupas de Heliogábalos como bárbaras na literatura, em um estudo sobre as vestimentas de Heliogábalos nas moedas, Lucinda Dirven mostra que nas moedas cunhadas pelo imperador nos dois primeiros anos de governo, 218-219, aparecem divindades convencionalmente romanas.<sup>32</sup> Além disso, temos moedas cunhadas em Antioquia no começo do principado de Heliogábalos que mostram o imperador realizando um sacrifício vestido com uma toga drapeada especificamente romana (Figura 1).

Tais moedas podem fazer referência a quando Heliogábalos tomou o consulado no começo de 219, estando na Nicomédia e, a respeito dessa ocasião, Dião Cássio diz que ele se recusou a tomar a toga romana tradicional, contrariando o que as moedas mostram.<sup>33</sup>

[...] novamente, ele se comprometeu em ser cônsul pela segunda vez, sem ter assumido qualquer cargo anteriormente ou mesmo qualquer título, finalmente, quando ele se tornou cônsul na Nicomédia, ele não usou o vestido triunfal no Dia dos Votos.<sup>34</sup>

---

29. Herodiano, *História do Império Romano* VI 6.

30. Woolf, 1994, p. 119.

31. Herodiano, *História do Império Romano* V 7, 5.

32. Dirven, 2007, p. 23.

33. Icks, 2013, p. 73.

34. Dião Cássio, *História Romana* LXXX 8, 3.

Heliogábalos irá aparecer como sacerdote de Elagabal nas moedas apenas em cunhagens mais tardias, de 220 a 222. Nessas moedas, diferentemente das moedas do tipo anterior, o imperador, já sacerdote de Elagabal, é mostrado com uma túnica de mangas longas e com uma calça (Figura 2).

Após um minucioso estudo sobre as vestimentas de sacerdotes sírios da época de Heliogábalos, Dirven, conclui que a combinação de uma túnica com calça era rara entre sacerdotes sírios. Em relação à descrição de Herodiano, há uma aproximação com o modelo chamado pelos estudiosos de vestimentas sacerdotais iranianas, que é atestado em representações advindas de Palmira e de outras localidades mediterrânicas. No entanto, este modelo também se desvia do que é encontrado nas moedas de Heliogábalos. Na Síria, a vestimenta chamada de iraniana é combinada com um tipo de chapéu que não é atestado nas moedas do imperador e as túnicas do modelo iraniano são mais longas. A clâmide que era parte da roupa sacerdotal de Heliogábalos, conforme as moedas, não encontra paralelo no modelo iraniano, como nos mostra a historiadora.<sup>35</sup> Assim, na análise de Dirven, não há respaldo nenhum nas moedas em relação ao que se conhece sobre as roupas sacerdotais sírias, talvez por isso Herodiano diga que sua roupa ficava entre a dos sacerdotes fenícios e medos, mostrando uma incerteza sobre com o que se pareciam as vestimentas sacerdotais do imperador.

Diante de estudos como esse e falta de objetos da cultura material que possam ser contrastados, muitos historiadores modernos têm considerado a representação de Heliogábalos nos textos como uma mentira.<sup>36</sup> Assim, a pergunta que se coloca é: seriam as moedas mais confiáveis para conhecermos a realidade das vestimentas do imperador? Dirven acredita que sim, mas, diante disso, ela diz que é possível que Herodiano descreva Heliogábalos segundo a crença de como deveria ser a religiosidade de Emesa. Talvez, segundo Dirven, Herodiano até conhecesse essa realidade de fato. Consequentemente, é possível que as roupas do imperador nas moedas correspondam a maneira de se vestir dos altos sacerdotes de Emesa. No entanto, infelizmente não há monumentos de Emesa que nos providenciem essa informação.<sup>37</sup> A interpre-

---

35. Dirven, 2007, p. 29.

36. Adam Kemezis (2016), por exemplo, percebe os elementos de gênero e sexualidade como essenciais nas narrativas da queda trazidas na tradição literária sobre o imperador (Dião Cássio, Herodiano e *História Augusta*). Porém, este historiador pensa os mesmos como elementos literários dos textos, o que o público aceitaria com mais facilidade como motivos para a derrubada do imperador e utilizados por isso pelos escritores. Percebo que Kemezis, embora faça uma análise apurada dos textos, não considera a importância das dimensões de gênero no âmbito da política romana, nem as possibilidades de Heliogábalos passar como feminino para os greco-romanos por sua cultura síriaca.

37. Dirven, 2007, p. 26.

tação final de Dirven é que as vestimentas sacerdotais de Heliogábalo se aproximavam de vestimentas do exército, tendo a túnica curta de manga longa se tornado comum entre os soldados romanos naquela época. Ao que nos parece, portanto, é que a forma com que as roupas sacerdotais de Heliogábalo podiam passar como aceitáveis na cultura greco-romana era se aproximando das vestimentas de soldados romanos. Lembremos que as imagens cunhadas em moedas são uma forma de propaganda política por parte dos governantes e Heliogábalo não expressaria nas mesmas algo que fosse contrário a sua política e imagem como governante. Assim sendo, nas moedas ele busca passar algo que era aceitável aos modelos já reconhecidos no Império, não deixando, ao que parece, de usar símbolos de sua religiosidade e sacerdócio.

No entanto, ainda que seja extremamente válido buscar nas moedas uma realidade para o que dizem os textos, se a roupa do imperador era de fato cross-dressing ou não, para mim cabe-nos perguntar porque os textos representam Heliogábalo dessa forma. Qual a intenção dos escritores em apresentar Heliogábalo com vestimentas que cruzam as fronteiras de gênero conforme o olhar deles?

Herodiano considera as vestimentas do imperador bárbaras/femininas. Da mesma forma, os escritores das elites greco-romanas consideravam as vestimentas dos *galli* e dos iniciados em cultos como da deusa síria Atargatis, mostrando-nos que havia, em minha leitura, uma intersecção entre a percepção da identidade cultural considerada bárbara oriental, que não seguia os modelos da *humanitas* greco-romana, associada, por isso, com o feminino.<sup>38</sup> O que, evidentemente, valorizava aspectos da virilidade dos homens greco-romanos.

Assim sendo, na minha análise de Heliogábalo faz-se fundamental um olhar legado pelos Estudos pós-coloniais, que analisam interseccionalidades entre aspectos de gênero, raça e classe. Para tais estudos, centrados em documentos da contemporaneidade, temos marcadores de diferenças dentro destes três aspectos que precisam ser analisados de forma articulada e sem hierarquias. Diante disso, a análise de um imperador de origens síriacas, tão marcado por essa identidade nos textos, precisa ser interseccional.

Entretanto, tais termos propostos pelos Estudos pós-coloniais devem ser pensados para a análise do Império Romano, uma vez que os conceitos de *raça* e *classe* não cabem para o período. Desta forma, opto aqui por tratar de performances de gênero,

---

38. Sobre os *galli* como sacerdotes femininos temos diversos exemplos na literatura latina como em textos de Catulo (Poema 63), Marcial (*Epigramas* 5, 41; 9, 2) e Apuleio (*O asno de ouro* VIII 26).

identidades culturais e *status* social.<sup>39</sup> Portanto, estou incorporando reflexões teorizadas para pensar relações próprias da contemporaneidade, traduzidas para o contexto do Principado e para a análise da representação de um imperador específico.

Heliogábalo se vestia e se maquiava como povos medos e fenícios<sup>40</sup> que, por sua vez, se assemelhavam às mulheres na visão dos escritores greco-romanos. Heliogábalo dançava de maneira bárbara feminina, objetivava a emasculação característica de cultos orientais como os cultos da deusa Cibele da Frígia e Atargátis da Síria (e ao que os textos parecem indicar, do próprio deus Elagabal de Emesa, como mostrarei). Além disso, sua dinastia, de origens também orientais, tinha a forte participação de mulheres no poder, influenciando diretamente os imperadores, fazendo coisas consideradas pelos gregos e romanos como de homens, desde Júlia Domna até Júlia Mamaea. O poder das Júlias é, inclusive, comparado em Dião Cássio ao poder das rainhas assírias Semíramis e Nitócris.

E conseqüentemente, assumiu seu filho de uma maneira mais agradável, pois ela [referindo-se à Júlia Domna e seu filho imperador Caracala] esperava para se tornar a única governante e queria fazer igual a Semíramis e Nitócris, na medida em que ela estava se sentindo da mesma forma que elas.<sup>41</sup>

Dessa maneira, homens femininos e mulheres masculinas é uma característica da representação do *outro* sírio/assírio nestes textos.<sup>42</sup> Ao que vejo, os textos dos

---

39. Sobre performances de gênero, uso a ideia de Judith Butler (2010), para quem gênero não é algo que somos, é algo que fazemos, é algo construído, uma contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido. Assim, o gênero é “performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero” (Butler, 2010, p. 48), sendo produto tanto de sinais corporais inscritos, como de discursos com efeitos de verdades.

40. Herodiano, *História do Império Romano* V 6, 10.

41. *História Romana* LXXIX 23, 3.

42. Temos também como exemplo as descrições do rei assírio Sardanápalo por Diodoro Sículo, escritor do século I AEC. Segundo Diodoro, esse rei vestia roupas femininas e usava maquiagem. Tinha muitas concubinas, não só mulheres, mas também homens. O seu estilo de vida causou insatisfação nos demais comandantes do Império Assírio, o que teria levado a uma conspiração contra ele. Sardanápalo teria vivido no século VII AEC e teria morrido em uma orgia (Diodoro, *Biblioteca Histórica* II 23). Sardanápalo é uma das formas como Herodiano e Dião Cássio chamam Heliogábalo (Herodiano, *História Romana* VIII 1, 1; Dião Cássio, *História Romana* LXXX 11-12). Por esta denominação de Heliogábalo vemos como os autores o viam com forte carga negativa e o relacionavam diretamente aos considerados excessos de um déspota oriental. Juvenal, poeta que viveu entre meados do século I e meados do II EC, também faz estereótipos interessantes de mulheres e homens sírios. Os homens são citados pelo poeta satírico como usando roupas leves e se perfumando (Juvenal, *Sátiras* III).

detratores do imperador articulam, assim, sua identidade cultural a um universo feminino e subalterno, ligando aspectos considerados negativos nos dois sentidos na pessoa que ocupa o mais alto cargo do Império Romano. Ele é bárbaro sírio, logo, ele é invertido e é como uma mulher. Temos que a ideia latina de *mollitia*, que pode ser traduzida como uma moleza, suavidade ou, mais especificamente, uma efeminação, era também associada ao excesso de luxo, que fluía em Roma da Grécia e do mundo considerado decadente do Oriente.<sup>43</sup>

Entretanto, é preciso considerar que as classificações binárias de gênero talvez não fizesse o mesmo sentido para os próprios sacerdotes de cultos considerados orientais. Não há como sabermos se os sacerdotes envolvidos em práticas consideradas transgressoras das fronteiras de gênero para os escritores greco-romanos, e até de sexo de alguma forma, o que pretendo abordar a seguir, consideravam-se transitando. Não temos documentos que tratem de um olhar a partir da cultura de onde estas práticas se originaram. Infelizmente não nos restaram testemunhos do próprio Heliogábalo ou de um *galus*, por exemplo.

O documento textual mais próximo que podemos chegar da cultura siríaca é *A deusa síria*, obra do século II EC, de Luciano de Samósata, por ser o autor também de origens sírias. Neste texto, Luciano descreve o santuário e o culto a Atargátis, em Hierápolis, na Síria. Luciano afirma que as roupas de Átis, após iniciar-se no culto a Rea-Cibebe, passam a ser femininas,<sup>44</sup> assim como as roupas dos sacerdotes de Atargátis.<sup>45</sup> Além disso, Luciano nos conta que aqueles que acabavam de se tornar sacerdotes recebiam roupas femininas pelas casas da cidade logo após a iniciação.

O jovem a quem foi reservada essa missão, após tirar seus vestidos, corre ao meio, elevando a voz, e se apodera de uma espada [...]. Nada mais o prendendo, se castra e corre pela multidão, levando em suas mãos o que cortou e, pelas casas onde vai passando, segue recebendo roupas e adereços femininos.<sup>46</sup>

No entanto, é necessário levar em conta que Luciano era muito próximo dos valores greco-romanos, mesmo sendo sírio e se assumindo como tal no texto. Assim sendo, não pode ser afirmado que de fato os sacerdotes de Atargátis recebiam roupas femininas para os sírios ou se esse não era mais um olhar greco-romano sobre as vestimentas siríacas dos sacerdotes.

---

43. Icks, 2017, p. 66.

44. Luciano, *A deusa síria* 15

45. Luciano, *A deusa síria* 27.

46. Luciano, *A deusa síria* 51.

Portanto, pelo que pode ser visto, os textos repetem estereótipos comuns de bárbaros orientais, mais especificamente sírios/assírios, em suas descrições das vestimentas sacerdotais de Heliogábalo, transformando-o, assim, em um sírio/feminino. Acreditamos que tais estereótipos são trazidos de forma negativa nos textos de Herodiano e Dião Cássio a fim de criticar as atitudes político-administrativas do imperador, tais como: permitir a entrada de provinciais sem um *cursus honorum* tradicional no senado, passar por cima de algumas decisões do senado, permitir a forte presença das mulheres severianas no poder, nomear libertos para cargos importantes, aumentar a entrada de provinciais no senado, colocar Elagabal acima de Júpiter nos cultos e cunhagens, etc.<sup>47</sup>

No entanto, além de uma crítica à política e à administração de Heliogábalo propriamente, minha visão sobre gênero não está isenta de uma interpretação das encenações e representações do mesmo no âmbito da política e das relações de poder e governabilidade, seguindo os passos da historiadora Joan Scott que propõe usar *gênero* como categoria de análise histórica.<sup>48</sup> Dessa maneira, ao olharem Heliogábalo e o verem como um outro bárbaro oriental, logo feminino, os escritores estão também pensando na ameaça à política e à governabilidade do Império Romano e no poder masculino que o cargo imperial deveria manter.<sup>49</sup>

Por fim, outro elemento importante da indumentária religiosa de Heliogábalo diz respeito a um objeto fálico fixado na coroa do imperador, mostrado nas moedas em que ele aparece como sacerdote de Elagabal, como no áureo da Figura 2 e no denário da Figura 3.

A estudiosa da numismática imperial romana Erika Manders, concordando com a historiadora Elke Krenzel, acredita que esse objeto é a ponta de um pênis de um touro que comunica o estado sacerdotal de Heliogábalo, passando a ser usado nas moedas imperiais imediatamente após o imperador adquirir o título de sacerdote de Elagabal, em 220.<sup>50</sup> Assim, o autorretrato do imperador nestas moedas tinha

---

47. Silva, 2018b.

48. Scott, 1995.

49. Devemos ressaltar aqui que a questão dos cultos orientais a deuses e deusas considerados exóticos e seus sacerdotes não era nenhuma novidade aos romanos na época de Heliogábalo. A deusa frígia Cibele, por exemplo, tinha seu templo no Palatino desde 191 AEC, com seus sacerdotes comemorando a castração de Átis em celebrações com autoflagelação que lembrava o mito. Da mesma forma, os sacerdotes de Atargáti celebravam a deusa e realizavam em Roma o processo de castração (Furtado, 2007, p. 196), embora as castrações sejam proibidas mais tarde oficialmente. O que, portanto, precisa ser ressaltado é o caráter de imperador de Heliogábalo ao cultuar o deus Elagabal de forma intensa no coração do Império. Não se tratava de qualquer pessoa, mas do próprio imperador.

50. Manders, 2012, p. 149; Krenzel, 1997.



um caráter religioso simbólico. Várias identificações foram dadas a esse símbolo por diferentes estudiosos: um chifre, um dedo indicador, um dedo de galo, um amuleto. Dirven, por exemplo, mesmo dizendo ser incapaz de interpretar o que seria esse objeto, acredita que o mesmo não deveria ser um pênis.<sup>51</sup>

Para mim, os autores contemporâneos estão, com interpretações que retiram a possibilidade do símbolo ser um falo, “higienizando” Heliogábalos. Ou melhor, estão trazendo uma visão contemporânea de estranhamento ao uso simbólico do falo para a leitura da Antiguidade. É preciso, perceber, inicialmente, que as sociedades antigas lidaram com elementos de sexo e corpo de forma muito distinta de nossa atualidade e que a primeira diferença diz respeito ao uso simbólico dos órgãos sexuais propriamente, que não necessariamente estavam relacionados ao sexo em determinados contextos, mas a outros valores culturais, como os religiosos e apotropaicos, por exemplo.

Para Krengel o elemento do falo de touro na coroa de Heliogábalos deveria expressar fertilidade e poder.<sup>52</sup> Tal elemento já era lido como símbolo de fertilidade e poder na própria cultura greco-romana, não significando, portanto, uma total transgressão de Heliogábalos e podendo ser incorporado sem grandes temores de estranhamento cultural na imagética das moedas imperiais. Sobre o elemento fálico na cultura romana:

A simbologia sexual estava disseminada por toda a cultura romana. Podemos encontrar uma grande quantidade de ilustrações em lamparinas, sinos, louças, máscaras, joias, ex-votos, pinturas e inscrições, nas mais diversas localidades do mundo romano [...].

Na vida cotidiana romana, há uma imensa distinção de materiais com símbolos fálicos, entre eles os amuletos e pingentes. Alguns feitos de materiais nobres, como ouro e bronze, e outros de materiais relacionados à ritualística, como ossos de animais e coral, considerados sagrados e, por isso, capazes de conferir maior eficácia ao poder fálico.<sup>53</sup>

O membro masculino em ereção era associado, na Antiguidade clássica, à vida, à fecundidade e à sorte. A própria palavra falo, emprestada pelos romanos aos gregos, designava primordialmente, objetos religiosos em forma de pênis, usados no culto de Baco [...]. O falo não apenas afastava o mal como trazia sorte e felicidade. Recorde-se que a

---

51. Dirven, 2007, p. 24.

52. Krengel, 1997.

53. Garraffoni e Sanfelice, 2017, p. 36.

palavra latina *felicitas*, a um só tempo, “felicidade” e “sorte”, ambos os sentidos derivados do sentido original de *felix*, “fértil”.<sup>54</sup>

Diante do que foi apresentado, concordando com Kregel, para mim, moedas como as apresentadas nas Figuras 2 e 3, de Heliogábalo, podem atestar a existência de um rito ligado ao elemento fálico de fertilidade no culto a Elagabal, da mesma forma que parece ter havido esse elemento em cultos como a Atargátis<sup>55</sup> e no mito e rito de Átis e Cibele.<sup>56</sup> Além disso, há indícios nos próprios textos antigos do elemento fálico usado pelo imperador em seus rituais religiosos, como vemos neste trecho da *História Augusta*, neste caso apontando especificamente para um possível uso do órgão na cabeça do imperador romano:

Ele balançou a cabeça entre os eunucos fanáticos, colocando órgãos genitais amarrados e fez tudo o que os *galli* faziam, carregava a imagem da deusa [referindo-se a Cibele] para fora do lugar que era seu santuário [*iactavit autem caput inter praecisos fanaticos et genitalia sibi devinxit et omnia fecit quae Galli facere solent, ablatumque sanctum in penetrale dei sui transtulit*].<sup>57</sup>

Há também indícios do uso dos pênis como oferendas sacerdotais em uma passagem de Dião Cássio:

Não descreverei os cantos bárbaros [τάς τε βαρβαρικὰς ᾠδὰς] que Sardanápalo [referindo-se a Heliogábalo] junto com sua mãe e avó, cantaram a Elagabal, ou os sacrifícios secretos que ele ofereceu ao deus, matando garotos e usando encantamentos, na verdade, alimentando um leão, um macaco e uma serpente no templo dos deuses, jogando no meio deles órgãos genitais humanos, e praticando também outros ritos profanos, enquanto usava invariavelmente inúmeros amuletos. Importante elencar que ele foi ao absurdo extremo a ponto de cortejar uma mulher para Elagabal, como se o deus tivesse qualquer necessidade de casar e ter filhos.<sup>58</sup>

---

54. Funari, 2003, p. 316.

55. Luciano, *A deusa síria*.

56. A questão do falo e da castração ritual no mito de Átis e Cibele está em diversos documentos que vão de textos literários greco-romanos a estátuas de *galli* e de Átis.

57. *História Augusta*, Vida de Heliogábalo 7, 2.

58. Dião Cássio, *História Romana* LXXX 11-12. Da mesma forma como faz com todas ações de Heliogábalo, Dião Cássio e o escritor da *História Augusta* não deixam de mencionar o uso simbólico ritual do falo vendo possibilidades de criticar negativamente o imperador.

Ligado a um tipo de rito solar, provavelmente de fertilidade, que envolvia o poder simbólico do pênis de um touro, espécie de simulacro da masculinidade, parece-nos que os sacerdotes de Elagabal, assim como os *galli* e também os sacerdotes de Atargátis, faziam um tipo de rito de intervenção em seu corpo. Sobre isso Dião Cássio diz:

Sua luxúria chegou a tal ponto que ele pediu aos médicos [τοὺς ἰατροὺς] que inventassem a vagina de uma mulher [αἰδῶ γυναικείαν] em seu corpo, por meio de uma incisão, prometendo a eles grandes somas como pagamento.<sup>59</sup>

No século XIX, o erudito francês Jacques-Antonie Dulaure levantou a ideia do touro e do bode estarem ligados a ritos de fertilidade que envolviam castrações rituais por questão zodiacal, tendo o sol, conforme antigos estudos e crenças astrológicas/astronômicas de diversas culturas da Antiguidade, entrado no signo da constelação celeste do touro e do bode. Assim sendo, esses signos passam a ser considerados o símbolo do sol primaveril, o regenerador da natureza. Dulaure acredita ser por isso que o pênis destes animais podem ser encontrados em diversas mitologias e ritos envolvendo o culto à fertilidade e ao sol, astro que traz a primavera.<sup>60</sup> É importante lembrar que a festa de Átis-Cibele em Roma era celebrada no início da primavera, nos idos de março até começo de abril.<sup>61</sup>

Ao que me parece, tal rito, então, é lido por Dião Cássio dentro da mesma proposta exotizada e exagerada feita pelos escritores para tratar das roupas de Heliogábalo, o vendo sempre como efeminado, agora no próprio corpo.<sup>62</sup> Acredito que Heliogábalo, um sírio/assírio pouco afeito aos modelos político-culturais das elites conservadoras do *mos maiorum* foi duramente criticado pelos aristocratas dentro de

---

59. Dião Cássio, *História Romana* LXXX 17, 1.

60. Dulaure, 1998.

61. Furtado, 2007, p. 195. A festa a Elagabal em Roma, no entanto, se seguirmos o que indica Herodiano (*História do Império Romano* V 6, 6) acontecia no meio do verão.

62. Não há como saber o que de fato era cortado nesses ritos, se era o pênis, os testículos, alguma pele ou, ainda, se era apenas um corte simbólico. Acredito que, havendo ou não a retirada do pênis, esses ritos deviam envolver uma intervenção nos órgãos genitais (simbólica ou prática propriamente), pelo menos os textos dizem que existia tal intervenção. A mesma podia significar uma espécie de renascimento em que o sacerdote passava a usar roupas diferentes das que usava anteriormente, renascimento no sentido como pensaram Mircea Eliade, (2001, p. 152) ao estudar cultos religiosos antigos que envolviam processos no corpo e sexualidade. Tais roupas diferentes das anteriores e dos costumes greco-romanos foram vistas como femininas pelos detratores de Heliogábalo.

um esquema de ordem imperial que ele, enquanto imperador, mesmo que haja hipérbolos nos textos e negociações em suas práticas, ultrapassava em vários elementos.<sup>63</sup>

Sobre tais negociações, cumpre destacar que não descarto as mesmas nas práticas de Heliogábalo, o que pode ser visto, por exemplo em suas possíveis tentativas de casar Elagabal com a deusa grega Palas,<sup>64</sup> em seu casamento com Júlia Cornélia Paula, em 219, da importante *gens* Cornelia, filha do reconhecido jurista Paulo e primeira esposa do imperador, etc. Além disso, Heliogábalo também não foi totalmente transgressor em alguns momentos, como vemos nas moedas cunhadas nos primeiros anos de governo com deuses romanos e seu uso da toga tradicional.

Entretanto, diferente do que tenho lido em muitos trabalhos, mais do que ficar perguntando se elementos da imagem de Heliogábalo eram ou não invenções dos escritores, se eram transgressões de gênero para a cultura de onde vinham, prefiro ler os textos seguindo Roger Chartier, o que significa pensar representações também como realidade na ótica de quem representa e não meras abstrações.<sup>65</sup> Assim sendo, as representações de Heliogábalo mesmo sendo hiperbólicas e retóricas são o real para seus detratores. Inserido na cultura greco-romana, o que nossa documentação nos permite pontuar com solidez, Heliogábalo passava com elementos de transgressão, principalmente de gênero, essa é a realidade contida nas representações. Suas vestimentas sacerdotais de fato desviam das tradicionais roupas sacerdotais romanas. Dessa forma, o potencial *queer* de Heliogábalo reside exatamente em ser dissidência mesmo que não

---

63. É preciso considerar ainda que a prática de castração havia sido proibida durante os governos de Domiciano (81-96), Nerva (96-98) e considerada crime capital sob Adriano (117-138). No entanto, a prática continuou sendo realizada tanto em jovens para serem vendidos como escravos, como entre os sacerdotes de cultos envoltos no costume (Caner, 1997). Dião Cássio (*História Romana* LXVII 2, 3) chega a mencionar sobre essa proibição.

64. Herodiano, *História do Império Romano* V 6, 3-5. Sobre este casamento, Robert Turcan (1997) vê a possibilidade de Heliogábalo estar criando uma nova tríade aos moldes da Tríade Capitolina, Júpiter-Juno-Minerva, uma vez que foi encontrado um capitel na região do fórum romano com a representação de uma águia em uma pedra cônica (tal como Elagabal aparecia nas moedas), juntamente com duas deusas interpretadas como sendo Palas-Minerva e a deusa cartaginesa Dea-Caelestis (identificada em Roma como Juno). Diante disso, Rodrigo Furtado (2007) acredita poder haver aqui uma tentativa por parte de Heliogábalo em identificar Elagabal com Júpiter, o que renderia as acusações dos escritores de que o *princeps* estaria sobrepondo seu deus ao importante deus da tríade capitolina. Também analisando a questão do casamento divino com a formação de uma tríade, Urías Martínez (1994, p. 208), diferentemente de Furtado que analisa uma identificação possível de Elagabal com Júpiter, percebe Heliogábalo colocando sua divindade acima do próprio Júpiter, substituindo a tríade capitolina pela nova, composta por Elagabal-Atena-Caelestis, em um henoteísmo que esse historiador percebe inexistente na religião romana oficial.

65. Chartier, 1991.

em tudo que fazia, mesmo diante de seus esforços sincréticos e de suas adaptações. Heliogábalos era uma descontinuidade em relação aos modelos de homem/masculino e mulher/feminino conhecidos nas normas greco-romanas, especialmente por ser um imperador e ter que passar por regimes mais rígidos de virilidade.

Diante de um governo cuja política não seguiu elementos fundamentais da ordem imperial romana, Heliogábalos não teve um final nada feliz, ele foi assassinado pelos soldados aos dezoito anos junto com sua mãe, ambos tiveram seus corpos arrastados pela cidade de Roma e depois jogados no rio Tibre.

[...] considerando que o momento era oportuno e o motivo justo, mataram Antonino e sua mãe Soêmia (que estava lá como Augusta e mãe). Também mataram todo seu séquito, todos os que foram acolhidos por ele e eram considerados ajudantes e cúmplices de seus crimes. Entregaram os corpos de Antonino e de Soêmia a quem quisesse arrastá-los e injuriá-los. Depois de serem arrastados durante muito tempo por toda a cidade e de serem mutilados, lhes jogaram nas cloacas que desembocam no rio Tibre.<sup>66</sup>

Insepulto, o *princeps* ainda recebeu a danação da memória (*damnatio memoriae*) pelo seu primo sucessor, Severo Alexandre, tendo seus retratos destruídos em uma tentativa de ter sua memória apagada.

## 2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que apresentei, gostaria de ressaltar a dimensão dada às questões de gênero nas narrativas sobre Heliogábalos como *pessimus princeps*, ou seja, a percepção de seus feitos em termos de performance de gênero e elementos de sexo, suas vestimentas vistas como cross-dressing e sua devoção e relação da mesma com seu corpo enquanto sacerdote como elementos fundamentais de sua representação negativa. Lembrando que considero representações como leituras do real. Como imperador, o mais alto estatuto social do Império Romano, Heliogábalos deveria ser o exemplo maior de masculinidade, o *uir* por excelência, a encarnação de todos elementos da *uirtus* romana: poder, força, moderação, etc. A ausência destes atributos por sua cultura síriaca lhe caíam como um grande problema para o Império.

Assim, vemos como os escritores greco-romanos montaram uma personagem na qual estavam relacionados vários pontos de seus próprios atos e práticas em uma visão estereotipada, exagerada, retórica e bastante poderosa. Heliogábalos era sírio

---

66. Herodiano, *História do Império Romano* V 8, 8-9.

oriental, o *outro*, usava vestimentas estranhas, era rodeado por poderosas mulheres que se envolviam em assuntos de governo, usava elementos fálicos em seus ritos, estava envolto em um rito que, ao que parece, tinha como parte uma intervenção simbólica ou real na genitália do sacerdote, logo: ele é feminino e configura-se, enquanto tal, como uma grande ameaça ao poder masculino do Império.

Portanto, vejo que há análises bem feitas por alguns historiadores, como algumas que percebem, em especial, os problemas das reformas administrativas do imperador para a construção de sua imagem negativa. Porém, tais análises não dimensionam o gênero no âmbito da política romana e as implicações do mesmo na imagem negativa do *princeps* sírio nos textos. Não acredito que as questões de gênero tenham sido o único e determinante elemento da caída de Heliogábalo, bem como das críticas negativas ao seu governo, mas entendo-as como elemento importante da organização de poder e cujo valor não me parece ter sido bem dimensionado nos estudos sobre esse *princeps*.

Além disso, a questão das vestimentas do imperador também não pode deixar de ser dimensionada no âmbito dessa mesma visão das questões de gênero e política. Tal estudo mostra-nos como o gênero era parte importante e constituinte das relações de poder, mas mostra-nos, também, como aspectos antes sem importância nos estudos históricos, como as vestimentas, precisam ser explorados para uma melhor compreensão de partes importantes da política e da sociedade estudada.

## FIGURAS



**Fig. 1.** Denário com Busto de Antonino (Heliogábalos) no anverso, laureado e à direita, com a legenda *IMP ANTONINVS AVG*. No reverso temos o imperador togado, de pé à esquerda, realizando sacrifício na patera com a mão direita sobre o tripé iluminado, com a legenda *VOTA PVBLICA*. Ref.: RIC IV.2, *Elagabalus*, n. 202



**Fig. 2.** Áureo representando Antonino (Heliogábalos) barbado, com couraça e laureado no anverso, com a inscrição *IMP ANTONINVS PIVS AVG*. No reverso temos o imperador como sacerdote de Elagabal, vestido com túnica de mangas longas, calça e clâmide, realizando um sacrifício para o deus, com a inscrição *INVICTVS SACERDOS AVG*. O deus está representado na estrela à esquerda. Ref.: RIC IV.2, *Elagabalus*, n. 86.



**Fig. 3.** Denário representando no anverso Antonino (Heliogábalo) barbado, com couraça e coroa de louros e chifre, com a legenda *IMP ANTONINVS PIVS AVG*. No reverso temos Heliogábalo em pé sacrificando sobre o altar, estrela à esquerda, com a inscrição *PM TR PIII COS III PP*. O imperador está com a túnica sacerdotal e coroa de louros e chifre.

Ref.: RIC IV.2, *Elagabalus*, n. 51.



## BIBLIOGRAFIA

- Alvar, J., Blázquez, C. e Wagner, C.G. (eds.) (1994). *Sexo, muerte y religión en el mundo clásico*. Madrid: Clásicas.
- Borg, B.E. (ed.) (2004). *Paideia. The world of the Second Sophistic*. Berlin: De Gruyter.
- Butler, J. (2010). *Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Campanile, D., Facella, M. e Carlà-Uhink, F. (eds.). 2017. *TransAntiquity. Cross-Dressing and transgender dynamics in the ancient world*. London e New York: Routledge.
- Caner, D.F. (1997). The Practice and Prohibition of Self Castration in Early Christianity. *Vigiliae Christianae*, 51.4, pp. 396-415.
- Chartier, R. (1991). O mundo como representação. *Estudos Avançados*, 11.5, pp. 173-191.
- Courbin, A., Courtine, J. e Vigarello, G. (eds.) (2013). *História da Virilidade*. Petrópolis: Vozes.
- Dirven, L. (2007). The Emperor New Clothes: a note on Elagabalus' priestly dress. Em Vashalomidze e Greisiger, 2007, pp. 21-36.
- Dulaure, J.-A. (1998). *O culto do falo. Nos antigos e nos modernos*. Lisboa: Hugin.
- Eliade, M. (2001). *O Sagrado e o Profano. A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes.
- Funari, P.P.A. (2003). Falos e relações sexuais: representações romanas para além da natureza. Em Funari, Feitosa e Silva, 2003, pp. 317-325.
- Funari, P.P.A., Feitosa, L.C. e Silva, G.J. (eds.) (2003). *Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino*. Campinas: Ed. Unicamp.
- Furtado, R. (2007). "Vinho novo em velhos odres?": porque foi assassinado Marco Aurélio Antonino?. *Cadmo. Revista de História Antiga*, 17, pp. 187-228.
- Garraffoni, R.S. e Sanfelice, P.P. (2017). Símbolos fálicos, fertilidade e fruição da vida em Roma: novas abordagens a partir da cultura material de Pompeia. *Romanitas. Revista de Estudos Grecolatinos*, 9, pp. 26-50.
- Huskinson, J. (ed.) (2000a). *Experience Rome. Culture, identity and Power in the Roman Empire*. New York: Routledge.
- Huskinson, J. (2000b). Looking for culture, identity and power. Em Huskinson, 2000a, pp. 3-27.
- Icks, M. (2017). Cross-dressers in control Transvestism, power and the balance between the sexes in the literary discourse of the Roman Empire. Em Campanile, Facella e Carlà-Uhink, 2017, pp. 3-37.
- Icks, M. (2013). *The crimes of Elagabalus. The life and legacy of Rome's decadente boy emperor*. London e New York: Taurus.
- Machado, C.A.R. (1998). *Imperadores imaginários. Política e Biografia na História Augusta (Século IV d.C.)*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade de São Paulo - USP.

- Manders, E. (2012). *Coining Images of Power. Patterns in the Representation of Roman Emperors on Imperial Coinage, A.D. 193–284*. Leiden e Boston: Brill.
- Miskolci, R. (2014). Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre Teoria Queer. *Florestan*, 2, pp. 8-25.
- Kemezis, A. (2016). The Fall of Elagabalus as literary narrative and political reality. *Historia*, 65.3, pp. 348-390.
- Krengel, E. (1997). Das sogenannte „Horn“ des Elagabal – Die Spitze eines Stierpenis. Eine Umdeutung als Ergebnis fachübergreifender Forschung. *Jahrbuch für Numismatik und Geldgeschichte*, 47, pp. 53-72.
- Rodríguez Gervás, M.J. (1994). La vida de los emperadores infames Cómodo y Heliogabalo: a propósito de la Historia Augusta. Em Alvar, Blánquez e Wagner, 1994, pp. 193-203.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20.2, pp. 71-99.
- Silva, S.C. (2014). *O Império Romano do sofista grego Filóstrato nas viagens da Vida de Apolônio de Tiana (século III d.C.)*. Tese de doutorado em História defendida na Universidade Estadual Paulista – UNESP/campus de Franca.
- Silva, S.C. (2018a). Uma mulher síria como imperatriz romana: considerações sobre elementos do poder e da identidade cultural de Júlia Domna (século III EC). *Hélade*, 4, pp. 32-55.
- Silva, S.C. (2018b). A corrupção e os crimes de Heliogábalo: aspectos da governabilidade imperial romana e as práticas políticas do *princeps* sírio vistas por seus detratores (século III EC). Em Silva e Campos, 2018, pp. 193-216.
- Silva, S.C. e Campos, C.E.C. (eds.) (2018). *Corrupção, crimes e crises na Antiguidade*. Rio de Janeiro: Desalinho/CNPq.
- Thuillier, J-P. (2013). Virilidades romanas: *vir, virilitas, virtus*. Em Courbin, Courtine e Vigarrello, 2013, pp. 71-124.
- Turcan, R. (1997). *Héliogabale et le sacre du Soleil*. Paris: Édition Payot & Rivages.
- Urías Martínez, R. (1994). Transgresión sexual y transgresión religiosa em Heliogábalo. Em Alvar, Blánquez e Wagner, 1994, pp. 205-212.
- Vashalomidze, G.S. e Greisiger, L. (eds.) (2007). *Der Christliche Orient und seine Umwelt. Gesammelte Studien zu Ehren Jürgen Tubachs anlässlich seines 60. Geburtstag*. Wiesbaden: Harrassowitz.
- Veyne, P. (1983). *O inventário das diferenças. História e Sociologia*. São Paulo: Brasiliense.
- Whitmarsh, T. (2004). The Cretan lyre paradox: Mesomedes, Hadrian and the poetics of patronagem. Em Borg, 2004, pp. 377-402.
- Woolf, G. (1994). Becoming roman, staying greek: culture, identity and the civilizing process in the Roman East. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, 40, pp. 116-143.
- Woolf, G. (1998). *Becoming Roman. The origin of provincial Civilization in Gaul*. Cambridge: Cambridge University Press.